



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO CULTURA

Emília Freitas: Cânone literário e gênero no Brasil oitocentista

ISABEL ALVES BARBOSA

Foz do Iguaçu
2021



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

LETRAS – ARTES E MEDIAÇÃO CULTURA

Emília Freitas: Cânone literário e gênero no Brasil oitocentista

ISABEL ALVES BARBOSA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Artes e Mediação Cultural

Orientador: Profa. Dra. Cristiane Checchia

Foz do Iguaçu

2021

ISABEL ALVES BARBOSA

Emília Freitas: Cânone literário e gênero no Brasil oitocentista

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Letras Artes e Mediação Cultural.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dra. Cristiane Checchia
UNILA

Prof. Dra. Larissa Fostinone Locoselli
UNILA

Prof. MS. Mayara Alexandre Costa
UFRJ

Foz do Iguaçu, 11 de Junho de 2021

Dedico este trabalho a todas as
mulheres que foram silenciadas.

AGRADECIMENTO (S)

Em primeiro lugar agradeço a minha professora orientadora Cristiane Checchia, não só pela constante orientação neste trabalho, mas sobretudo pela sua amizade. As professoras da banca pelas orientações. Aos meus amigos de curso pelo apoio emocional nessa trajetória.

Agradeço a minha família, especialmente, a minha irmã Karla por apresentar a obra de Emília Freitas, juntamente com a minha irmã Lucinéia por me deram apoio durante o processo do trabalho.

BARBOSA, Isabel Alves. **Emília Freitas: Cânone literário e gênero no Brasil oitocentista**. 2021. 50 páginas. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Artes e Mediação Cultural) – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu, 2021.

RESUMO

Neste trabalho, *Emília Freitas: Cânone Literário e Gênero no Brasil Oitocentista*, fiz uma pesquisa e análise sobre a questão do apagamento da escritora Cearense Emília Freitas e de sua obra *A Rainha do Ignoto* na Literatura Brasileira e no cânone literário. Para a compreensão de seu apagamento foi feita uma pesquisa a partir do que seria literatura e a estruturação do cânone literário e como ele cria o apagamento de produções literárias de alguns grupos. Em conjunto fiz uma análise da obra a partir do gênero literário Fantástico e as suas características presentes na obra, e como a autora utilizou o gênero para discutir a sociedade brasileira da época. Outra análise feita foi a questão de gênero e como era vista a figura da mulher na sociedade oitocentista e as críticas feitas no romance a esse sistema social, e todos os danos que ele causava às mulheres, desde danos morais e físicos. Em conclusão faço uma reflexão sobre as continuidades e rupturas do passado na atualidade.

Palavras-chave: Literatura brasileira; Emília Freitas; cânone literário; fantástico; gênero.

BARBOSA, Isabel Alves. **Emília Freitas: Cânone Literário e Gênero no Brasil Oitocentista**. 2021. 50 paginas. Trabajo de Conclusión de Carrera (Graduación en Letras Artes y Mediación Cultural) – Universidad Federal de la Integración Latinoamericana, Foz de Iguazu, año 2021

RESUMEN

En este trabajo, *Emília Freitas: Cânone Literário e Gênero no Brasil Oitocentista*, realicé una investigación y análisis sobre la cuestión de la invisibilización de la escritora Cearense Emília Freitas y de su obra *A Rainha do Ignoto* en la Literatura Brasileña y en el canon literario. Para comprender su invisibilización se llevó a cabo una investigación a partir de lo que sería literatura y la estructuración del canon literario y como este crea la invisibilización de producciones literarias de algunos grupos. De forma conjunta realicé un análisis de la obra a partir del género literario Fantástico y sus características presentes en la obra, y como la autora utilizó el género para discutir la sociedad brasileña de la época. Otro análisis que realicé fue la cuestión de género y como era vista la figura de la mujer en la sociedad ochocentista y las críticas realizadas en la obra a ese sistema social, y todos los daños que este causaba a las mujeres, desde daños morales y físicos. En conclusión, hago una reflexión sobre las continuaciones y rupturas del pasado en la actualidad.

Palabras Clave: Literatura brasileña; Emilia Freitas; canon literario; fantástico; género.

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA	03
AGRADECIMENTO (S)	05
1 INTRODUÇÃO	09
Capítulo 1 - O apagamento de Emília Freitas.....	11
Capítulo 2 - O fantástico na Rainha do Ignoto	18
Capítulo 3 - A crítica ao patriarcalismo em a Rainha do Ignoto.....	33
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48

1 INTRODUÇÃO

Nesta pesquisa será desenvolvida uma análise do romance *A rainha do Ignoto* (1889), da escritora cearense Emília Freitas (1855-1908), que tive o contato com esta narrativa por meio da minha irmã e a partir deste primeiro contato comecei a desenvolver uma pesquisa com objetivo de discutir sobre o apagamento da autora e da sua obra da historiografia literária brasileira, levantando conjuntamente temas sociais sobre a figura da mulher naquela época, se baseando em alguns personagens do romance, e como a autora se utilizou do gênero fantástico para criticar esta sociedade.

O primeiro ponto a ser discutido usará as seguintes questões: O que seria literatura? O que seria cânone literário? E por meio destas perguntas se desenhará uma linha sobre como é modulado a concepção de literatura, quais são as premissas sobre o cânone literário e seu desenvolvimento, e neste o apagamento de certos grupos sociais, para com isso se analisar o desenvolvimento do apagamento da escritora e da sua obra.

A segunda abordagem tratará de como o gênero Fantástico é inserido na trama, para discutir a questão do feminino e estruturação social, desse modo se explicará a definição do gênero literário e suas características, quais os aspectos que fazem com que o romance de Freitas seja considerado desse gênero.

O último tema abordado será a questão de gênero, passando pela figura da mulher durante o século XIX. Em primeiro momento será trabalhado uma visão panorâmica sobre o papel da mulher na sociedade nesta época e as teorias sobre a figura delas, depois um recorte sobre a sociedade cearense. A partir disso, trará como o romance *A Rainha do Ignoto* trabalha com a questão de gênero e a discussão do papel da mulher na sociedade brasileira neste período, quais são as dificuldades que se podem perceber a partir das personagens da narrativa.

Para estruturar os temas abordado no primeiro capítulo se baseará na teoria do cânone literário de Zahidé Lupiaacci Muzart, que tratará a questão do cânone literário, e como é feito seu funcionamento, e também o apagamento das escritoras brasileiras no século XIX. Ela ainda traz a visão sobre estas produtoras de literatura e que modo se desenvolvia o seu apagamento, pois, ao mesmo tempo que elas eram apagadas, estavam contribuindo para a produção de literatura, escrevendo em jornais e outros. Conjuntamente para explicar o que é literatura e o

que a determina, será utilizado trabalhos de Marisa Lajolo e Terry Eagleton.

Já para compreender os aspectos do gênero literário Fantástico, utilizaremos a definição deste gênero dada pelo autor David Roas em seu livro *A Ameaça Fantástica*, no qual se analisa o gênero desde de seu surgimento e as suas características e difusão, em conjunto se terá o trabalho de Bruno Anselmi Matangrano para compreender o gênero no contexto brasileiro. A partir dos conceitos presentes nas obras se analisará a obra de Freitas.

Para compreensão da estruturação da sociedade do século XIX e a inserção das mulheres no campo educacional, bem como as teorias sobre elas de forma geral, será utilizado a pesquisa de Michelle Perrot.

Na sequência, para desenvolver o recorte sobre a sociedade cearense, se utilizará da pesquisa de Vívian Matias Dos Santos sobre o campo científico e educacional no século XIX no Brasil. Também, será trabalhado com alguns capítulos do livro organizado por Mary del Priore, titulado *História das mulheres no Brasil*, esse explicará a figura da mulher na sociedade nordestina e também os costumes e regionalismo que se tinham na época, utilizado como base para compreender alguns aspectos da sociedade retratada no romance de Emília Freitas e posição da mulher. Ainda do livro organizado por Priore, trataremos das transformações que aconteceram no Brasil e temas relacionados ao surgimento da burguesia, casamento e a questão do dote.

Outra pesquisadora trabalhada será Rachel Soihet, com sua obra será desenvolvido o tema sobre a violência contra mulher, abordada no romance de Freitas.

Enfim, em conjunto com os demais trabalhos, usaremos a pesquisa de Alcilene Cavalcante Oliveira sobre a autora.

A escolha do tema da pesquisa sobre Emília Freitas e seu romance *A Rainha do Ignoto* tem objetivo de dá voz às escritoras que foram silenciadas por muito tempo pela Literatura Brasileira e trazer um olhar sobre temas como a questão de gênero¹, tema relatado pela autora, que ainda tem proporções semelhantes, atualmente.

¹ Consideremos aqui gênero referindo-se ao caráter cultural entre homens e mulheres, entre ideias de feminilidade e masculinidade, e as desigualdes acarretadas.

CAPÍTULO I

O apagamento de Emília Freitas

Na historiografia da literatura brasileira, nota-se a presença do apagamento de alguns grupos, entre eles, as mulheres, as quais seus nomes e obras foram somente descobertas séculos depois, uma delas que se pode destacar é Emília Freitas.

Emília Freitas² nasceu em 1855, na Vila União, Distrito de Aracati, hoje a região Jaguaruana no Ceará. Com a morte do seu pai, um comerciante e membro importante do Partido Liberal do Ceará, ela e sua família se mudaram para Fortaleza, que era a capital da província, onde a escritora conseguiu terminar seus estudos, criando um grande conhecimento pela a área de geografia e das línguas inglesa e francesa. Ela, futuramente, cursou a Escola Normal do Ceará.

Ela teve envolvimento em alguns dos principais movimentos sociais da época, como a abolição da escravidão no Brasil. Pode-se notar a presença de sua produção a partir de 1873, por meio da presença da escritora em jornais de Fortaleza de caráter abolicionista, entre eles o denominado Libertador. Participou na Sociedade Cearense Libertadora, que era uma associação de mulheres, que buscavam a abolição da escravidão, na qual estavam presentes várias intelectuais da época.

A autora publicou três livros: Dois romances e um livro de poesia; eles foram desenvolvidos entre 1870 a 1890. O *Canção do Lar*, seu livro de poesia, foi publicado em 1891, em Fortaleza, já o seu primeiro romance intitulado *O Renegado*, teve sua publicação em 1892, entretanto só se tem conhecimento do título e da data de publicação, não restou nada da obra física para a atualidade. Seu último romance é a obra que será trabalhada nesta pesquisa, *A Rainha Ignoto*, de 1899.

Entre os anos de 1892-1900, Freitas desenvolveu também artigos

² As informações sobre a autora foram retiradas dos textos “*A Rainha do Ignoto ou a Impossibilidade da Utopia*”, de Constância Lima Duarte, no prefácio da 03.Ed do romance *A Rainha do Ignoto* da Editora Mulheres, ano 2003, e da Tese sobre a autora escrita por Alcilene Cavalcante De Oliveira denominada *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)* Ano 2007.

para jornais no Pará, neste mesmo tempo havia se mudado para Manaus, onde exercia a profissão de professora no Instituto Benjamin Constant. Ao voltar para Fortaleza, esteve entre os fundadores do Grupo Espírita de Maranguape, sendo corresponsável com seu esposo, o jornalista e ex padre, Arthúnio Vieira, pela a publicação do primeiro jornal espírita do Ceará em 1900, nomeado Luz e Fé.

No ano de 1908, a autora falece em Manaus, onde havia voltado a morar após a morte de seu esposo.

Podemos levantar a questão de por que uma figura como Emília Freitas, que participou de vários movimentos sociais, e produziu para vários jornais e contribuiu para literatura com a publicação de três obras, teve seus trabalhos esquecidos?

A obra que será destacada, *A Rainha do Ignoto*, teve sua publicação em 1899, somente foi redescoberta em 1980, pelo pesquisador Otacílio Colares. Entretanto mesmo com sua redescoberta, a autora e a sua obra são desconhecidas por grande parte da população brasileira, e com poucas edições. Para compreender esta situação se questionará algumas questões que seriam: O que é literatura? O que é cânone?

A partir das transformações históricas se poderá analisar o que seria ou não literatura, entre um dos caminhos que pode se fazer é retornar na Grécia Antiga, local no qual a sociedade Ocidental se estruturou, e seu modo de funcionamento social ainda tem grande influência como comenta Marisa Lajolo

A cultura grega sobrevive, e não só nos objetos e textos que nos legou. Sobrevive também na herança cultural que permeia nosso hoje. E sobrevive, de forma talvez mais viva, nas sucessivas reinterpretações que seu modo de vida inspirou, e parece continuar inspirando. " (LAJOLO,2018, p.77).

No mundo Grego Antigo se pode ver a presença das primeiras discussões do que seria literatura e sua função. Vem com os debates levantados por Platão, quando ele critica a poesia e os poetas em sua obra *A República*, como aponta a pesquisadora Lajolo

Foi, aliás, no mundo clássico dos gregos que começaram as primeiras divergências sérias entre os discutiam *o que era e para que servia* a literatura. Platão, pensador rigoroso anterior a Aristóteles, e às vezes mal-humorado, foi implacável com a poesia (vá conferir em *A República*, leitor incrédulo!). (LAJOLO, 2018, P.81-82)

Entretanto, não se deve acreditar que somente os Gregos Antigos estavam discutindo ou produzindo literatura, todos os povos têm seus modos de

elaboração de suas narrativas, contar histórias e diversas formas poéticas, mesmo não sendo a partir do conceito ocidental de Literatura. No entanto a obra de Emília Freitas, tem que voltar nestes pensamentos ocidentais da Literatura.

Adesão da tradição cultural grega foi por parte integrada no mundo cristão, no entanto com uma medievalização incorporada, e estes aspectos gregos medievalizado foi trazido para América Latina, como observa Marisa Lajolo

Na Europa, o mundo cristão da Idade Média opôs-se às tradições culturais do mundo grego de um lado, mas de outro também aderiu a elas, medievalizou-se e incorporou-as, de lá da Europa, em caravanas de negociantes e em caravelas de navegantes viajou mais ainda, chegando inclusive à América Latina e ao Brasil. (LAJOLO,2018, P.85-86)

Com a cristianização, que ocorre na Idade Média, se nota a mudança da forma da literatura e seu papel na vida da sociedade, como nesta época se tem padrões rígidos de organização social, muitas formas diferentes de literatura foram ocultadas, se pode ressaltar que neste período a população que sabia ler era muito pequena, e os gêneros considerados nobres, por trazer um parentesco com o Classicismo, tinham uma circulação menor, pois traziam deuses considerados pagãos, dessa maneira a Igreja católica proibia a sua circulação, como uma forma de cristianizar, ainda que os livros eram caros (LAJOLO,2018 p.87).

Com o desenvolvimento do mundo moderno, começa a surgir um mundo burguês, com estrutura liberal e romântica, junto a isso se começa, na Europa, a se difundir a alfabetização, em comunhão a essa, a leitura; no entanto o acesso ao livro de forma material ainda era pequeno e caro, sendo privilégio somente das classes dominantes. Porém se tem a presença forte dos jornais, que eram lidos por diversas classes sociais, por ser um objeto barato e acessível, assim também pode se notar o surgimento dos folhetins como observe Lajolo

O jornal é barato, veículo democrático de textos de idêntica pretensão. Comprando jornais para ler folhetins, homens e mulheres, jovens e crianças de diferentes origens sociais, capazes de leitura, começam a gostar de ler. Associando-se a gabinetes de leituras podem reler, em volumes, o que tinham lido e capítulos em folhetins. (LAJOLO,2018, P.112)

Neste momento, se começava a propagar uma nova ordem de hábitos culturais burgueses, com uma hegemonia econômica e política. Na literatura, pode parecer que está se desenvolvendo uma forma somente emotiva e fantasiosa, entretanto o que estava passando, é uma sociedade saindo de padrões duros para padrões um pouco mais libertos. A partir deste conceito de literatura que está se

formando surge o próprio conceito moderno de Literatura.

Essas ideias chegaram ao Brasil, contudo o país tinha uma situação diferente do contexto europeu, enquanto na Europa se estava começando a multiplicar a mão operária, na sociedade brasileira não havia muitas fábricas e nem operários, e prevalecia a economia agrária, que utilizava do trabalho escravo, e os homens livres que haviam, a maioria era pobre.

Diante desse cenário, a literatura brasileira foi perdendo o discurso literário romântico, começando a funcionar o discurso de incomodo sobre a natureza do homem, e a ciência se sobressaía sobre a imaginação e fantasia, dessa forma se vê como documento e retrato de uma sociedade, como afirma LAJOLO (2018, P.132) “A literatura começou a pensar-se, a produzir-se e a impor-se ao público como documento e retrato de uma sociedade. Sociedade que ela, às vezes, considerava injusta.”

Nas últimas décadas do século XIX, notamos uma rebeldia, e despregou várias bandeiras, tendo o seguimento de diversos caminhos. Nos textos se propõem o retorno da linguagem formal, e ao mesmo tempo se tem afastamento dos ambientes idealizados, começa-se a retratar a miséria e alta presença do modelo científico, observa Marisa Lajolo:

Em outras práticas e discursões, a marca do tempo traduz-se no abandono de ambientes idealizados, refinados e luxuosos e no mergulho no dia a dia dos pobres e dos miseráveis. Para outras, ainda a ruptura com o passado dá-se no enfoque quase obsessivo de personagens criadas com rigor, numa poética que tinha a ciência seu modelo máximo. (LAJOLO, 2018.P.134)

Neste contexto, a escritora Emília Freitas estava produzindo literatura, e sua obra, a Rainha do Ignoto (1899) traz um pouco dos pensamentos da época, caracterizada pela retratação de como as injustiças aconteciam, as questões sobre as ideias feministas, que estavam surgindo no mundo, ainda sua crítica ao sistema escravocrata e sua desumanidade.

No entanto, sua obra não teve muito reconhecimento. Por quê?

Como foi visto, uma das formas para que uma obra literária seja considerada literatura é a partir dos padrões de certa época, esta padronização é feita a partir de grupos sociais dominantes e suas instituições, que irão determinar o que é literatura, e isso pode fazer com que muitas obras, e seus respectivos/as escritores/as sejam apagados da historiografia literária, enquanto outros sejam lembrados e estudados por séculos.

O cânone literário, que é parte dos estudos literários, pode ser abordado de várias formas, como a pesquisadora Zahidé Lupinacci Muzart afirma

Poderíamos abordar a questão do cânone sob vários ângulos, em várias épocas, abordar a questão dos marginalizados: o negro, o judeu, a mulher, o homossexual; abordar a questão da formação do cânone em nossa literatura. (MUZART 1995, P.85)

Para se poder desenvolver uma análise sobre Emília Freitas e seu apagamento da literatura e, portanto, sua não visibilização no cânone literário, devemos-nos situar no século XIX, para entender como Freitas era vista pela crítica. No final do século XIX, no Brasil, para se ganhar notoriedade um escritor precisava estar dentro das normas, se aliando bem aos seus pares e frequentando as rodas da Garnier ou café que estavam na moda, entre outros requisitos, que relata Muzart

Os privilégios dos críticos sociais são guardados as devidas proporções, análogos aos dos críticos literários no Brasil do final do século XIX. Estar dentro das normas é estar bem com seus pares, é frequentar as rodinhas da Garnier ou os cafés da moda, ter seus livros recebidos com notas elogiosas e artigos críticos. Os rituais de aceitação e posterior canonização incluem atos de sociabilidade aos quais alguns autores esquecidos não se submeteram. (MUZART 1995, P.87)

Visto que era necessário frequentar rodas e cafés para ser visto pela crítica, mesmo que Emília Freitas participasse de ciclos políticos importantes da sociedade oitocentista, ela não participava destes meios, porque estes locais eram frequentados por homens majoritariamente brancos. Pode-se notar na dedicatória do livro *A Rainha do Ignoto*, que a autora dedica o livro, de forma irônica, aos Escritores Brasileiros “Aos gênios de todos os países e, em particular, aos Escritores Brasileiros.” (FREITAS,2003)

Isso passava porque as mulheres para sociedade brasileira estavam destinadas de forma educacional ao lar, já que a educação desenvolvida para as meninas se dava com ênfase na vida doméstica, e elas não tinham liberdade para discutir ideias como afirma a pesquisadora Muzart

Elas não tinham acesso às boas escolas, as suas leituras eram orientadas para o ideal homem "do lar", não tinham liberdade de movimentos, de viagens. E, sobretudo, não tinham a liberdade de discutir suas ideias. (MUZART 1995, P.88)

Mesmo a mulher sendo posta ao padrão patriarcal, o qual a deixava à sombra do homem, elas participaram da vida intelectual e tiveram o interesse pelas ideias discutidas, também criticaram e defenderam as minorias, e estiveram presentes em revoltas importantes do começo do século XIX, mesmo que os

registros sobre suas participações sejam escassos, muitas delas, como Emília Freitas fizeram várias críticas, a partir da escrita, à escravidão, como relata Alcilene Oliveira

Nas sucessivas revoltas da primeira metade do século XIX, que engendraram idéias liberais fomentando o abolicionismo do período seguinte, há dois aspectos importantes que devem ser salientados. O primeiro é que tais revoltas contaram, indubitavelmente, com a participação e a liderança femininas, embora os registros sejam escassos. Escritoras como Nísia Floresta, Ana Luísa de Azevedo Castro e Maria Firmina dos Reis, por exemplo, já usavam nessa época suas penas para tecerem também questionamentos sobre a escravidão. (OLIVEIRA 2017, P.29)

As mulheres do século XIX produziram literatura de diversos gêneros literários, entretanto muitas não publicaram, como mostra Zahidé Muzart

Pois, são numerosas as escritoras brasileiras no século XIX; escreveram muito e abordaram todos os gêneros: das cartas e diários, dos álbuns e cadernões, aos romances, poemas, crônicas e contos, dramas e comédias, teatro de revista, operetas, ensaios e crítica literária. Perto da produção masculina, podemos dizer que as mulheres pouco publicaram. Contudo, não pouco escreveram. (MUZART 1995, P.90)

Todavia, mesmo que a opressão que as escritoras receberam da crítica literária tenha feito que elas fossem esquecidas e ocultadas, há outros vários motivos para que sua obra não tenha sido incluída nos cânones nacionais. O gênero literário, é um dos motivos, pois mesmo com todas as limitações, as poetisas eram mais aceitas que as dramaturgas e as romancistas, como explica Muzart

Verificou-se, pois, em levantamento da crítica da época, que as poetisas, desde que dentro dos limites impostos pela sociedade, ao contrário das dramaturgas e romancistas, obtiveram um certo apoio da crítica e algum espaço para sua produção. (MUZART 1995, P.91)

As poetisas tiveram apoio da crítica, mas às escritoras mulheres era aceito somente a escrita de poemas que não fossem considerados ousados para época, como muitos poetas escreviam. Como comenta Zahidé Muzart “De fato, as mulheres se adaptaram bem a essas regras para a poesia, no romantismo. De qualquer maneira, elas não poderiam fazer a poesia ousada de Bernardo Guimarães sob pena de serem queimadas em praça pública!” (MUZART 1995, P.91)

Neste caso, pode se compreender um dos possíveis motivos pelo quais o romance *A Rainha do Ignoto* de Emília Freitas não tenha tido um grande olhar da crítica, ele não estava no molde de escrita esperada de uma mulher e, mais do que isso, ainda carregava críticas sobre a posição da mulher na sociedade, e a

própria autora no trecho que ela destina ao leitor, afirma

Meu livro não tem padrinho assim como não teve molde. Tem a feição que lhe é própria sem atrativos emprestados do pedantismo charlatão. Não é tampouco, o conjunto das impressões recebidas nos salões, nos jardins, nos teatros e nas ruas das grandes cidades; porque foi escrito na solidão absoluta das margens do Rio Negro, entre as paredes desguarnecidas de uma escola do subúrbio; (FREITAS, 2003, P.29)

Quando se analisa o cânone literário, se pode notar vários fatores que levaram Emília Freitas, entre outras escritoras do seu tempo, a terem seus nomes e obras esquecidas, entre eles se pode dizer que a literatura brasileira foi construída pelo molde de uma sociedade burguesa constituída majoritária por homens brancos, onde a figura da mulher intelectual e escritora era apagada. Entretanto, a partir do questionamento sobre o cânone, vemos ser possível dar voz a essas mulheres, como Muzart afirma

Ao questionar-se o cânone, descobre-se que o corpus da literatura, tal como para o período colonial em sua relação com a oralidade¹⁶, está ainda se constituindo devido às descobertas de vozes silenciadas de mulheres, no século XIX ou em séculos anteriores. (MUZART 1995. P91)

Junto com os questionamentos da teoria literária sobre o cânone surge também o questionamento ao que é literatura. Trata-se de pensar que mesmo com as instituições sociais que legitimamos cânones como a escola, Academia Brasileira de Letras, entre outros, se chega à conclusão de que a literatura não é algo estático, e sim algo instável, como comenta Terry Eagleton: “E essa é uma das razões pelas quais o ato de classificar algo como literatura é extremamente instável.” (EAGLETON 2006, P.19)

O que se passou com Emília Freitas está relacionado a vários fatores, que vão desde a questão de gênero e a sociedade patriarcal da época, (a mulher estava destinada aos afazeres domésticos e aprendizagens do lar) passando pela rejeição dos críticos, por ser uma mulher e seus livros não se encaixarem completamente nos moldes da época. São estas razões provavelmente, a causa do apagamento dela da historiografia literária brasileira.

Na atualidade, poderá resgatar Freitas e seus escritos, como os de outras escritoras, e não de forma a substituir outros escritores, mas sim de recolocá-las na historiografia literária, observando a sociedade passada por outros olhares.

CAPÍTULO II

O Fantástico em *A Rainha do Ignoto*

No capítulo anterior, pudemos ter uma visão geral da trajetória de Emília Freitas e refletir sobre os processos implicados em seu apagamento no cânone da literatura brasileira e no silenciamento do seu romance *A Rainha do Ignoto*.

Neste capítulo será desenvolvido uma análise sobre o romance e os aspectos do gênero literário Fantástico presentes na obra. Mas, antes de analisar o romance será trabalhado o surgimento do gênero fantástico e as suas características de forma geral, depois fazer-se um recorte do aparecimento do gênero na literatura brasileira. A partir disso se desenvolverá a análise do livro partindo de quais aspectos da história podem ser considerados fantástico e como a autora trabalha o contexto sociocultural a partir desse gênero.

O romance *A Rainha do Ignoto*³ da escritora Emília Freitas conta a história de uma sociedade secreta formada de mulheres, organizada hierarquicamente e situada em uma ilha denominada Ilha do Nevoeiro, localizada na costa nordestina brasileira. Os negócios dessa sociedade estão espalhados por todo Brasil império, alcançando inclusive escala internacionais. Nesta ilha, as mulheres exercem profissões como médica, advogada, maquinista, entre outras, ainda que na sociedade da época tais atividades não pudessem ser exercidas por mulheres.

A líder desta sociedade é apresentada para o leitor com vários nomes, mas, por enquanto, nos centremos apenas naquele que as Paladinas do Nevoeiro, mulheres desta sociedade, a reconhecem: Rainha do Ignoto. Essas mulheres foram resgatadas por ela de algum sofrimento, violência ou desamor, e em conjunto com a Rainha irão tentar combater injustiças e violências sofridas pelas minorias da sociedade.

Em princípio o romance apresenta para o leitor a chegada do personagem Dr. Edmundo à cidade pequena de Passagem das Pedra⁴, localizada no Ceará; ele é formado pela Academia de Direito do Recife, após a morte do pai,

³ Edição do romance trabalhado na pesquisa é a edição 3 do ano de 2003, Editora Mulheres.

⁴ Antigo nome da cidade Jaguaruna no Ceará que fica nas margens do rio Jaguaribe

com a herança deixada por ele, decide viajar para Europa. Um tempo depois, regressa ao Rio de Janeiro e vai para a sua fazenda no sertão cearense. No primeiro momento é informado pelos locais sobre a aparição de uma criatura mística, chamada na região por Funesta, que vive na gruta do Areré e sai à noite com figuras descritas como um moleque preto de olhos de fogo com uma cauda comprida, e um cachorro grande preto, causando desordem.

No entanto, Dr. Edmundo não acredita nos moradores da região. São os acontecimentos que o deixarão curioso pela figura de Funesta, fazendo-o encontrar uma lógica na história contada pelo povo sobre ela. Com isso, ele se envolve com o personagem chamado pelos moradores de Caçador de Onça. Seu real nome é Probo, e ele conta trabalhar para Funesta, a mesma Rainha do Ignoto, explicando a Dr. Edmundo que ela é líder de uma sociedade secreta composta por mulheres. Probo não gosta nada dessa sociedade secreta e, querendo um aliado para desmascarar essas mulheres, ele infiltra Dr. Edmundo na sociedade, disfarçado de uma menina chamada Odete, que a Rainha tinha deixado aos cuidados de Probo e sua mulher e que acabara morrendo. É assim que o advogado termina inserido na Ilha do Nevoeiro, tentando encontrar explicação para tudo que será visto.

Ao mesmo tempo, a trama tem como segundo plano a povoação de Passagem das Pedras e seus moradores; as moças jovens ficam disputando o jovem recém-chegado. A partir disso a autora irá trabalhar as questões regionais e de gênero, a qual abordaremos em momento posterior.

O romance *A Rainha do Ignoto* é considerado o primeiro romance de autoria feminina publicado no Ceará, em que se pode notar a presença de cruzamento de estéticas de diferentes gêneros e subgênero literário (OLIVEIRA, 2007, p.119)

Alcilene Oliveira, baseada em diversos pensadores, considera que o romance de Freitas contém a presença de diversos gêneros literários, como o Romantismo, Literatura Gótica, o Fantástico Maravilhoso e ainda elementos do Decantismo. (OLIVEIRA, 2007, p.119). No entanto, esta pesquisa trabalhará apenas o Fantástico, por ser o elemento mais vasto na obra.

Quando se discute sobre o gênero literário Fantástico, pode ser notado um grande interesse crítico por este tipo de literatura, principalmente nos últimos cinquenta anos, a partir de estudos de diversas correntes teóricas. (Roas, 2014, p.29).

A partir disso, desenvolve-se uma variedade de definições, que buscam explicar os aspectos que o gênero apresenta. Entretanto, muitas destas definições têm perspectivas excludentes entre si, com isso, acabam se limitando os seus princípios e métodos ao uma determinada corrente crítica. (ROAS, 2014, p.29)

Em razão, da presença de variadas correntes de estudos, poder ser notado um embate de quando surgiu o gênero fantástico. Alguns teóricos do tema acreditam que o surgimento aconteceu nos meados do século XVIII, enquanto outros acreditam que foi a partir do início do século XIX e outros ainda que o gênero existe desde as epopeias gregas. No entanto, para uma perspectiva mais próxima à forma de Gênero Fantástico, desenvolvida por Emília Freitas, partiremos da análise do fantástico concebendo seu surgimento nos meados do século XVIII.

Nesse período, assistia-se na Europa o aparecimento das ideias iluministas, a partir das quais se criam condições adequadas para se ter um grande choque entre o que era natural e sobrenatural, pois era a época em que a relação com o sobrenatural parecia dominada pela razão e o científico, como explica David Roas

Durante a época do Iluminismo produziu-se uma mudança radical na relação com o sobrenatural dominado pela razão, o homem deixa de acreditar na existência objetiva de tais fenômenos. Reduzido seu âmbito ao científico, a razão excluiu toda o desconhecido, provocando o descrédito da religião e a rejeição da superstição como meios para explicar e interpretar a realidade. (ROAS,2014, p.48)

A obra considerada como a primeira a apresentar a presença do fantástico, é o romance gótico do inglês Horace Walpole, titulado *O castelo de Otranto* (1764). Mesmo que o gênero fantástico possa ter seu nascimento vislumbrado no romance gótico, pode-se dizer que seu maior desenvolvimento se deu no período do Romantismo, pois os românticos observando a forma como era dado o sobrenatural nos romances góticos, começaram a indagar sobre os aspectos da realidade e do eu que a razão não conseguia explicar, como a mente humana que teve seu estudo no movimento Iluminista. (ROAS,2014, P.49). Os românticos, sem negar as conquistas feitas pela ciência, observaram que a razão tinha suas limitações, não era o único instrumento que o humano possuía para captar a realidade, a intuição e a imaginação eram também um meio alternativo para se pensar. A partir deste pensamento, se nota o porquê destes escritores se posicionarem contra as ideias mecanicistas, as quais consideravam o universo como um tipo de máquina, que obedecia às leis consideradas lógicas e eram suscetíveis

às explicações racionais, esta concepção de uma mecânica fixa, para eles, era uma limitação que fazia exclusão de uma parte essencial da vida, não tendo uma proposta que correspondesse à experiência real da intuição e da imaginação.

Os participantes do Romantismo adquiriram uma consciência aguda a partir de aspectos de sua experiência, na qual não era possível analisar ou trazer explicação, somente, pela a concepção mecanicista do homem e do mundo. Porque o universo para os românticos não era uma máquina, sim algo que trazia mais mistérios do que algo racional, parecido com que poderia ser a alma humana (ROAS, 2014, P.49)

A partir deste pensamento, alguns românticos desenvolveram um interesse pelo que não podia ser abarcado pela realidade racional, e pelo que estava ligado ao mundo de trevas e do desconhecido. O escritor alemão Goethe denominou esse mundo como o demoníaco, que não poderia ser explicado pela inteligência, nem pela razão. Explica que esta imagem demoníaca, que esconde em sua essência a visão do cósmico de forma de síntese dos contrários, carrega uma totalidade e unifica os traços, características de um comportamento contrários, no qual a razão não sabe compreender, por isso ocorre o rompimento das fronteiras entre o interior e o exterior, no que é irreal e o real, entre está desperto ou sonhando, a ciência e a mágica. (ROAS, 2014, p.50)

Assim, com a literatura fantástica e o demoníaco, existia algo para além do que era explicável, num mundo desconhecido, tanto de forma interior e exterior do humano, com que se criava um medo de defrontar, desse modo foi criado um canal para poder expressar medos, formas de refletir todas as realidades que eram propostas, fatos e desejos que não podem ser manifestados de forma diretas, por serem proibidos socialmente ou que por certa maneira a mente reprimiu, por não encaixarem na realidade racional. (ROAS, 2014, p.50)

No Brasil, o gênero fantástico tinha poucas manifestações e eram raros os textos com elementos fantásticos antes de 1850. A literatura no Brasil desta primeira metade do século XIX estava voltada para questões nacionalistas e com intuito de exaltar uma identidade nacional, como explica Bruno Matangrano

No início as manifestações do fantástico eram poucas. Raros são os textos com elementos fantásticos antes de 1850, pois, naquela época, o Brasil (e por consequência, sua literatura) ainda estava se estabilizando enquanto nação e, por isso, os textos da primeira metade do século XIX são, sobretudo, obras de inspiração nacionalista e ufanista, ou mesmo

regionalista, no intuito de exaltar a identidade nacional e buscar as nossas raízes histórico-culturais. (MATANGRANO,2013, p.50)

No entanto, se notará algo parecido com o que aconteceu na Europa alguns românticos brasileiros, baseados no romantismo gótico, davam uma amostra de um futuro ao gênero fantástico com um caráter brasileiro (MATANGRANO, 2013, p.50)

A primeira obra considerada fantástica na literatura brasileira é motivo de debate entre os pesquisadores, alguns acreditam que uma provável manifestação do gênero tenha surgido em 1838 com o conto “ *Um sonho*” do autor esquecido, Justiniano José da Rocha (1812-1863), que publicou o seu conto no jornal O cronista. No entanto outros acreditam que a força do gênero fantástico no Brasil começa com a publicação da *Noite na taverna*, em 1855, de Álvares de Azevedo (1831-1852), mas apesar da obra trazer elementos do gênero, traz pouco da presença de diálogo com o imaginário nacional, pois a história se passa na cidade de Roma, entre outros contos do mesmo gênero do autor, que passavam na Europa ou em lugares próximos da imaginação, como explica Bruno Matangrano

Se por um lado Álvares Azevedo foi muito importante por ter sido um dos primeiros a tratar largamente do gênero fantástico no Brasil, por outro, não se preocupou em dar ares nacionais a seus textos que se passavam todos na Europa ou em locais imaginários. (MATANGRANO,2013, p.52)

As obras do gênero fantástico ambientadas no Brasil surgem com o conto *O Fim do Mundo* de Joaquim Manuel de Macedo, que na mesma década de 1860 irá lançar o livro *A Luneta Mágica*, que foi considerado o primeiro romance fantástico brasileiro, conforme traz Matangrano (2013, p.52)

Neste contexto do final do século XIX, a escritora Emília Freitas pública o romance *A Rainha do Ignoto*, no qual evidenciam aspectos do gênero fantástico. Um desses elementos, é a presença do sobrenatural que transgride as leis naturais do mundo real com algo que não existe e não se tem explicação, como afirma Roas (2014, p.31)

Na trama de Emília Freitas se tem desde do primeiro capítulo do romance uma quebra das leis que organizam o mundo real, pois o leitor é informado da existência de uma criatura sobrenatural, que é denominada pelos moradores de Passagens das Pedras de A Funesta, isso acontece quando Dr. Edmundo ao perguntar para seu criado sobre uma serra alta ao longe, descobre sobre a lenda desta criatura, que vive em uma gruta na Serra do Areré, e cria desordem na cidade,

como respondeu seu criado: “Porque se for não voltará mais; dizem que tem uma gruta, onde mora uma moça encantada numa cobra, que a noite sai pelos arredores a fazer distúrbios.” (FREITAS,2003, p.32)

O criado continua falando que ela anda também acompanhada com duas figuras místicas, um moleque que se arrasta pelo chão e um cão grande, preto, e por onde eles passam causam desgraça, como pode ser notada na seguinte passagem, ao criado se despede de Edmundo, “Dizem que, onde aparece, é desgraça certa. Chamam-na A Funesta- Deus me livre de encontrá-la. ” (FREITAS,2003, p.33)

Em uma das seguintes passagens, o personagem Edmundo está no peitoral da janela de sua casa, que é voltada para o rio Jaguaribe. Ele escuta a voz de uma mulher, de tom doce e triste, entoando uma canção em francês acompanhada de uma harpa. Ele consegue avistar um pequeno bote, onde estava uma mulher vestida de branco e com os cabelos soltos, uma grinalda de rosas neles e junto dela as duas figuras citadas pelo criado, o moleque e o cão.

Na descrição dada pelo narrador, que é um narrador observador, uma das figuras que acompanha a moça, era uma figura semelhante ao rei das trevas: negra peluda e considerada feia de meter medo, com uma cauda que aparentava brincar com a superfície da água do rio; o cão, por sua vez, era enorme, da cor azeviche, e ficava ao pé da barqueira. (FREITAS,2003, p.35)

Após presenciar esta cena, o personagem de Dr. Edmundo fica incrédulo, pensando se aquilo realmente aconteceu, se foi uma alucinação ou um sonho, como se nota nesta passagem do romance

O Dr. Edmundo era que não saia de pasmo em que o tinha deixado aquela estranha aparição! Julgava-se alucinado! Duvidava do testemunho de seus próprios olhos, e para certificar-se de que não sonhava, beliscou com força as mãos, e sentiu-se acordado. Fechou a janela, e foi deitar-se; mas não podia dormir; a sedutora imagem o perseguia com afeição. (FREITAS,2003, p.35-36)

Aqui, também pode ser notado a criação de uma experiência de um personagem que conhece as leis naturais, mas que se depara com um acontecimento de caráter sobrenatural, como afirma Todorov (1975, p.31) “O fantástico é a hesitação experimentada por um ser que só conhece as leis naturais, face a um acontecimento aparentemente sobrenatural. ”

Com o desenvolvimento da narrativa se notará a curiosidade de Dr. Edmundo crescendo pela moça encantada, e também a negação sobre os fatos

sobrenaturais que irão acontecer na cidade. Ele busca, a todo tempo, racionalizá-los, mesmo aumentando a quebra da realidade diversas vezes e despertando no personagem uma inquietude.

Uma outra característica fantástica que Freitas utiliza, quando vemos a primeiro momento, além da quebra das leis naturais pela a presença do ser místico, são as manifestações sobrenaturais que surgem somente dentro de um ambiente similar ao do leitor, ela usa para isso a pequena cidade Passagem das Pedras.

Este ambiente é um ambiente normal para o leitor, que pode simular uma qualquer cidade pequena. Isso é um dos elementos importantes para criação de uma obra do gênero fantástico: a criação deste ambiente real e estável que o ser místico irá desestabilizar de certa forma, pois o sobrenatural criará um efeito ameaçador à realidade em um ambiente que se assemelha a realidade, e até um certo momento era governada por leis de caráter rigoroso e imutáveis (ROAS, 2014, p. 31)

Pode-se destacar duas passagens em que essa ameaça à realidade se apresenta de maneira bem marcada. A primeira delas se desenvolve após a morte de Virgínia, uma das personagens que tinha certo contato com o ser místico a Rainha do Ignoto, para ela apresentada como Diana, de quem fica amiga. Nesta parte a personagem de Carlotinha, também amiga de Virgínia está arrumando a mortalha da falecida com D. Sofia, quando é notada por elas a falta de um véu de grinalda para cobrir o rosto de Virgínia. Antes que ela anuncie a falta do tecido, um pombo gigante entra na sala, carregando o tecido com flores de laranjeira

Carlotinha estava na sala mortuária, lamentando com D.Sofia não poderem completar a mortalha de Virgínia, por falta de um véu e uma grinalda. Mal acabavam de falar quando entrou pela janela aberta, e pousou ao pé da morta um pombo tão grande que assustou às duas senhoras. (FREITAS, 2003, p.112)

Todos que estavam na sala mortuária acabam ficando surpresos com a entrada do pássaro e com que ele carregava: além da grinalda e das flores de laranjeira, o animal tinha em sua pata um pedaço de papel. Dr. Edmundo, que passava pela sala, vendo o assombro das mulheres, se aproxima e pega o papel, pedindo para que sejam chamados todos os parentes e amigos de Virginia, para que ele possa ler a todos, o que estava escrito no papel. Era uma carta de despedida de uma amiga da falecida, dizendo que já pressentia que a morte da amiga estava

próxima, quando o pombo regressasse a ela já estaria morta. No entanto, ninguém sabia quem ao certo era a remetente da carta, e ficaram impressionados e sem reação, também em virtude da chegada desta ave enorme, do nada.

Após este caso, as pessoas da cidade começaram a acreditar que aquilo era uma manifestação divina e que a moça falecida havia se convertido em uma santa, como segue nesta seguinte passagem do livro

As escravas da casa e algumas mulheres das vizinhanças, que vieram presenciar o caso, apenas alvoreceu o dia, saíram logo pela povoação espalhando a notícia do milagre e fazendo acreditar na santidade de Virgínia, já canonizada por elas. (FREITAS,2003, P.114)

O outro acontecimento, em que o sobrenatural irá romper com as leis da ordem natural, é o momento em que Dr. Edmundo e a família de Virgínia vão visitar a sepultura da moça, encontrando um túmulo em formato de pirâmide com a estátua de anjo da guarda construído com matérias que não eram possíveis de conseguir facilmente, e com uma inscrição na qual se via uma dedicatória para Virgínia. Todos ficaram surpresos com estes eventos. Curioso pelo acontecimento, Dr. Edmundo decide conversar com o zelador do cemitério e questioná-lo sobre o acontecido; e o senhor respondeu da seguinte forma o surgimento do túmulo

O bom homem, que não conhecia pessoalmente a família de D. Matilde, disse que durante aqueles setes dias trabalharem no túmulo com muita atividade uns artistas estrangeiros que não sabiam falar a nossa língua; mas que provavelmente foram encarregados do trabalho pela família da morta, que é rica. (FREITAS,2003, p.128)

Nestas situações é possível se notar também como a narrativa de gênero fantástico coloca o leitor diante do sobrenatural, entretanto não como evasão, mas de maneira em que o faça questionar-se e fazendo com que perca a segurança que tem no mundo real, como explica Roas (2014, p.31).

Animais de tamanhos anormais e túmulos que surgem de maneira inesperada, criados rapidamente com materiais difíceis de encontrar no país na época, são acontecimentos que podem despertar questionamento na mente do leitor e colocando entre a dicotomia do real e do irreal.

Dentro da estruturação do gênero literário fantástico é necessário uma relação com o contexto sociocultural, para que com isso tenha constatação do sobrenatural, a partir da concepção do que seria o real, e para que se possa qualificar como parte do fantástico, pois toda representação de uma realidade depende de um certo modelo de mundo, em que uma cultura parte, criando uma

dicotomia entre realidade e irrealidade, do possível e impossível, como afirma David Roas (2014,p.39) “Toda representação da realidade depende do modelo de mundo de que uma cultura parte: ” realidade e irrealidade, possível e impossível se definem em sua relação com as crenças às quais um texto se refere”.

Em *A Rainha do Ignoto*, o contexto sociocultural será trabalhado de maneira orgânica na escrita e criando uma transformação a partir do olhar fantástico. Principalmente, na metade do livro em que Dr. Edmundo conhece o Caçador de onça, ele irá relatar sua história com a figura mística que para muitos é chamada por Funesta, neste momento será chamada pelo narrador e pelos personagens como *Rainha do Ignoto*.

Em seu relato, Probo conta que ela vive em uma ilha denominada Ilha do Nevoeiro, um lugar volante em que uma hora está em terra, outra em mares ou no céu. Esta ilha é formada por uma sociedade secreta de mulheres diversas, onde elas podem desenvolver diversas profissões, elas são seguidoras da Rainha do Ignoto e são denominadas Paladinas do Nevoeiro, estas mulheres foram resgatadas por sua líder, por estarem sofrendo alguma violência física, psicológica ou desamor, e suas profissões, que não poderiam exercer fora desta sociedade, irão ajudar as pessoas que estão necessitando de ajuda.

A partir disto, pode ser visto vários aspectos da dicotomia da irrealidade com a realidade, porque quando se nota que esta Ilha é uma Ilha que está sempre em movimento, que pode estar presente em uma cidade real. Sendo irreal uma ilha se mover para vários lugares e poucas pessoas imaginarem a sua existência; outro ponto para se destacar é a mudança de rosto da Rainha do Ignoto, usado para desenvolver sua filantropia, fazendo com que ninguém, nem as Paladinas do Nevoeiro conheçam o real rosto dela, como explica Probo

As Paladinas do Nevoeiro nunca lhe viram o rosto, porque só tira a máscara para os estranhos, fora do Ignoto, conforme o papel que ela quer representar no mundo: ora é filha do caçador de onça e Funesta ou fada da gruta do Areré, como tem sido neste burgo, de outra vez é modista, é marquesa, é o diabo é tudo! até alma! (FREITAS, 2003, P.159-160)

Dentro do impossível para a sociedade da época, mulheres transitarem em locais que eram destinados aos homens, como em certas profissões, para conseguirem realizar suas boas ações na sociedade, as Paladinas do Nevoeiro e a Rainha do Ignoto se disfarçam, mudando seus rostos com a utilização do hipnotismo, neste ponto pode ser notado a presença do contexto sociocultural da

época e o fantástico com a utilização do hipnotismo.

Outro ponto importante, para levar em consideração em uma obra do gênero fantástico, é o que ocorre ou não ocorre em uma determinada situação histórico-social, e que dessa maneira é dado de uma forma para o leitor, a partir do conhecimento de seu tempo, e também sobre outros tempos e épocas, se poderá notar que o autor de uma obra fantástica também se utilizará de referências em que a estética do gênero mexerá e inventará regras para o mundo imaginário, que será proposto como explica David Roas a partir de Barrenechea

Esse quadro de referência está dado ao leitor por certas áreas da cultura de sua época e pelo que ele sabe de outros tempos e espaços que não são os seus (contexto extratextual), mas, além disso, sofre uma elaboração especial em cada obra porque o autor- apoiado também no quadro de referência específico das tradições do gênero- inventa e combina, criando as regras que regem os mundos imaginários que propõe (contexto intratextual). (BARRENECHEA, apud ROAS, 2014, p.46-47))

Na obra de Emília Freitas, se pode notar diversas referências do contexto histórico-social da época em que o livro foi escrito e é situado, criando para contextos extratextuais e intratextuais.

Na segunda parte do livro, Dr. Edmundo embarcará em uma viagem à Ilha do Nevoeiro, com ajuda de Probo se infiltra disfarçado de Odete, moça deixada pela Rainha do Ignoto a cuidado de Probo e sua mulher, que acabou falecendo. Desse modo o advogado acaba inserido no mundo da Ilha do Nevoeiro e conhecendo o mundo peculiar desta sociedade feminina. A partir deste momento, a trama destacará em muitas passagens questões histórico-social em conjunto com elementos do gênero literário fantástico, entre alguns dos temas que serão abordados nesta parte serão ideias abolicionistas, republicanas, feminismo e o espiritismo.

A estruturação política da Ilha do Nevoeiro se assemelha a uma nação republicana, destacando as ideias dos republicanos da época, ainda que no momento, em que a história se passa, o Brasil ainda era um império. Em algumas passagens na ilha, as ideias republicanas serão bem fortes, porque mesmo sendo governada por uma “rainha”, há assembleias em que discutem as execuções das missões com as Paladinas do Nevoeiro, como pode ser visto nesta passagem que ocorre a primeira assembleia que Dr. Edmundo irá presenciar no salão do nevoeiro, local de tomada de decisões em que a Rainha do Ignoto irá falar

-Irmãs na fé, irmãs no desterro, a soberana do Ignoto, a musa do Nevoeiro, vos faz saber que a sessão de hoje não é ordinária, adstrita às cerimônias da lei, é uma sessão livre, extraordinária, na qual ela deseja dizer algumas palavras a muitas de suas paladinas. Dentro de três dias partiremos para os assaltos do bem, vamos guerrear a injustiça, proteger o fraco contra o forte, entrar nos cárceres para curar os enfermos, lançar-nos às ondas para salvar os náufragos e atirar-nos aos incêndios para lhes arrebatarmos as vítimas! (FREITAS, 2003, p.188)

Neste período a sociedade brasileira vivia uma intensa movimentação pró-República, e muitas falas de alguns personagens vemos o embate entre as ideias sobre a monarquia e o surgimento de uma República⁵, como pode ser visto nesta passagem do diálogo de Probo e Dr. Edmundo, em que o primeiro é extremamente contrário às ideias políticas da Rainha do Ignoto, enquanto outro é a favor.

- Bem pensado também incutir no ânimo dos que a rodeiam, que o rei é o produto da ignorância dos povos antigos, que ainda não estavam em estado de governarem-se, e formar uma república.
-Bravo uma rainha republicana! (FREITAS,2003, p.198)

Outro aspecto em que notemos a dinâmica entre o extratextual e o intratextual, no enredo do romance, é nas práticas religiosas presentes na história, pois na Ilha do Nevoeiro se há a prática normalizada pelas habitantes da religião espírita Kardecista, uma religião que era proibida no Brasil, pois a única religião permitida era a do rei, a Religião Católica, que é mostrada na primeira parte do livro com a celebração da comunhão das meninas da cidade, no capítulo XVI, na cidade Passagem das Pedras.

Entre algumas passagens se poderá notar a presença da questão de proibição da prática religiosa como se vê na fala de Probo para Dr. Edmundo

- O senhor há de ver como eu tenho visto. Olhe, aqui na ilha não há templo católico nem de religião alguma, há somente sessões espíritas, na biblioteca, onde ela possui todas as obras de Alan Kardec, de Flammarion e outros malucos como ela. Enfim, o senhor verá. (FREITAS,2003, p.198)

Emília Freitas utiliza dessas ideias também para criação de um elemento fantástico, que é o hipnotismo, por meio do qual mantêm-se a Ilha do

⁵ O livro data de 1899, porém Alcilene Oliveira (2007, p.111) considera que a inspiração da autora pode ter se baseado nas suas experiências no trabalho que possivelmente realizou em um abrigo de menores, por volta de 1880, quando teve o contato com o médico abolicionista Antonia Bezerra, o que coloca o livro na ebulição dos movimentos republicanos e abolicionistas, e os diálogos mostrados nos confirma isso.

Nevoeiro escondida dos olhos de pessoas estranhas, como Probo conta para Dr. Edmundo, antes dos dois participarem de uma mesa branca, que será realizada pela Rainha do Ignoto e suas seguidoras o evento, na qual será revelada uma nova missão para elas.

Nesta sessão haverá a presença do espírito de uma moça que fora enganada pelo Dr. Edmundo e, após ter sido abandonada por ele, havia se suicidado. Na sessão, ela será incorporada nele. Também é possível ver a quebra da irrealidade para realidade, pois será notado, a partir da narrativa de Freitas, por questões sociais muitas mulheres morriam por serem abandonadas. Este evento fará com que Dr. Edmundo seja quase descoberto. Ele fica incrédulo com o acontecimento, como pode mostra a seguinte passagem:

Saiu muito impressionado com o suicídio de Terezinha Meireles, que ele julgava viva, de boa saúde, já casada com algum barbeiro ou contínuo de repartição.

Lembrava-se bem da infeliz menina, tão bonitinha, tão sossegada costurando as camisas dos irmãozinhos, ajudando a mãe a cozinhar, a engomar a roupa do pai; e à tarde, bem penteada, com um botão- de-rosa no cabelo, junto à janela, ia sentar-se fazendo o seu crochê.

Que remorsos sentiu ele de haver por uma leviandade de estudante ocasionado um desastre no seio de uma família pobre, mas honrada. (FREITAS,2003, p.216)

Outra questão histórica-social destacada no romance é a escravidão e abolição deste sistema, entre uma das missões em que as mulheres da ordem do Ignoto vão ao encontro, a um engenho, onde os escravos são muitos maltratados. Elas utilizam do hipnotismo para resgatá-los e libertá-los.

Após viajarem por várias partes do país ajudando os necessitados, Probo, Dr. Edmundo, as Paladinas do Nevoeiro e a Rainha do Ignoto irão para uma região perto de Recife, onde se localiza o engenho Misericórdia, que tem como dono o Capitão Maturi Embaído, um senhor de escravos impiedoso, que mantêm este regime de trabalho em sua fazenda. Eles estavam em Cônsul Geral, resolvendo o infortúnio de algumas pessoas. Ao embarcarem, no Recife, entra um senhor negro, de idade avançada, chamado Pai Anastácio, que pede para ajudá-lo: ele vinha deste engenho próximo à Vila do Cabo, e lhes conta que o senhor de escravo os maltratavam muito e iria vender seu neto casado, deixando a esposa dele no engenho.

Com isso, a Rainha e as suas seguidoras decidem ajudar o senhor a libertar o neto e todos os escravos do engenho, para isso eles todos vão disfarçados

de uma trupe de ciganos circenses, que irão montar o circo próximo do engenho, com a permissão do próprio senhor, o qual havia sido enganado por Probo, que se apresentará como líder dos ciganos, e por uma das Paladinas do Nevoeiro, disfarçada de forma ilusória de uma escrava velha, que seria comprada pelo dono do engenho, ela irá ajudar os escravos que irão fugir, enquanto Capitão Maturi Embaído, familiares e amigos assistem o espetáculo circense.

Neste espetáculo, a Rainha do Ignoto hipnotizará todos na plateia criando uma chuva de diamantes ilusória, como pode ser visto nesta passagem

- Agora está chovendo diamantes, disse ela.

- Sim, como são lindos! Vamos apanhá-los.

E os espectadores do circo sem se atropelarem faziam gestos de quem agarra aos punhados alguma coisa no chão nos ares, guardando depois nos lenços, nos bolsos e até no regaço. (FREITAS, 2003, p.336)

Assim acabam adormecidos, só acordando no dia seguinte, quando os escravos já tinham todos fugido, deixando o Capitão Maturi Embaído furioso e sem escravos, que foram libertos e redirecionados pela Rainha do Ignoto para trabalhar nas fábricas e nos estabelecimentos rurais que ela tinha pelo Brasil. Nesta situação é possível notar que a escritora trabalhou o contexto extratextual, a partir da questão da escravidão no Brasil e as ideias abolicionista, mas se vê um contexto intratextual da hipnose para enganar o senhor de engenho, durante o espetáculo circense e como na criação ilusória do disfarce da Paladina.

Outra característica que será trabalhada do gênero Fantástico no Romance A Rainha do Ignoto, é questão da dicotomia do realismo literário e o fantástico, é uma característica importante para destacar, pois a época da publicação do romance o gênero realista era dominante na literatura brasileira, é possível notar algumas características do gênero, no entanto, a presença do fantástico é algo mais presente, que não exclui o caráter realista que uma obra deste gênero tem como já foi dito anteriormente.

Como pode ser notado, o fantástico tem sua forma narrativa, que vem de códigos realistas, da mesma maneira supõe uma certa transformação, uma transgressão desse mesmos códigos e elementos, que nascem a partir da emergência do fantástico na narrativa, como explica David Roas

Como vemos, o fantástico é um modo narrativo que provém do código realista, mas que ao mesmo tempo supõe uma transformação, uma transgressão desse código: os elementos que povoam o contato fantástico

participam da verossimilhança própria da narração realista e unicamente a irrupção, como eixo central da história, do acontecimento inexplicável é que marca a diferenciação essencial entre o realista e o fantástico. (ROAS, 2014, p.54)

Isso pode ser visto no romance A Rainha do Ignoto, quando na primeira parte temos elementos realistas da narração do cotidiano da povoação de Passagem das Pedras, indo para segunda parte em que as ações dos personagens entre o a Povoação, a Ilha do Nevoeiro e as missões da sociedade de mulheres em diversos lugares são em um ambiente realista, ao mesmo tempo pode ser visto que a presença dessas mulheres e da Rainha do Ignoto acabam desenvolvendo e criando situações inexplicáveis, e fazendo com que diferencie de uma trama realista.

Última característica que será destacada é o efeito medo, como algo fundamental do fantástico, mas que pode ser visto como uma forma de inquietude, e que seria uma reação a ser experimentada tanto pelos personagens da trama, principalmente por Dr. Edmundo, e também para o leitor diante de uma ideia irreal, que pode irromper no real, como analisa Roas

Trata-se mais da reação, experimentada tanto pelos personagens (incluo aqui o narrador extradiegético-homodiegético) quanto pelo leitor, diante da possibilidade efetiva do sobrenatural, diante da ideia de que o irreal pode irromper no real (e tudo o que isso significa). (ROAS,2014, p.59)

Isso pode ser observado em vários capítulos, como por exemplo o capítulo XXXI, em que é feito a mesa branca e aparece uma ex conquista de Dr. Edmundo, podemos considerar a inquietude e o medo neste ponto da trama, marcando a presença desta característica do Fantástico na obra.

Após Dr. Edmundo retornar para Passagem das Pedras, ele que já estava naquela sociedade de mulheres a três anos, e não queria expor aquelas mulheres que ajudava as pessoas e tinham ideias avançadas. Ele começa a sentir falta de sua realidade e regressa à cidade e se casa com Carlotinha, para que não cometa outro erro com uma mulher e originando nova tragédia.

Depois, a Rainha do Ignoto vai para onde viveu na sua infância e é tomada pela tristeza, ao voltar deste passeio para o qual contará com a companhia de Roberta, esposa de Probo, vai ao seu gabinete e escreve um testamento para às Paladinas, e após isso sobe em um alto rochedo e com uma navalha lhe enfia ao peito e suicida-se.

Com menos agitação que da primeira vez, tirou de um pequeno estojo de

veludo carmesim uma navalha de cabo de ouro com cravação de diamantes e abriu o corpete do vestido, cortou a pele do coração. (FREITAS,2003, p.408)

A partir deste suicídio nota-se a presença de uma das diferenças que costumam existir entre as marcas do gênero maravilhoso e do fantástico, pois o primeiro termina com um final feliz enquanto, o segundo termina com uma morte, loucura ou condenação do protagonista como afirma Roas

O conto fantástico, por sua vez, se desenvolve em meio a um clima de medo, e seu desfecho (além de pôr em dúvida nossa concepção do real) costuma provocar a morte, a loucura ou a condenação do protagonista (ROAS,2014, p.61)

O desfecho do romance termina com as Paladinas do Nevoeiro realizando uma mesa branca para entrar em contato com a Rainha do Ignoto a fim de esclarecerem dúvidas sobre a ilha, quando ela aparece de uma maneira assustadora, deixando todas incrédulas.

Seu corpo vinha coberto por uma longa túnica branca, mas trazia os pés descalços completamente esfolados e sangrentos. As mãos e o rosto estavam da mesma maneira, sem pele, e da boca e dos olhos do fantasma corriam vagarosamente grossos rios de sangue. O coração, aparecendo através do linho da túnica, semelhava uma chaga. (FREITAS,2003, p.414)

E com isso ela explica que a Ilha era uma possessão, a partir de todos espíritos de sua família, que deixava ela oculta para pessoas e com sua morte e falta de descendente, ela avisa que a Ilha do Nevoeiro irá desaparecer a partir de um fenômeno natural, e não será visto por ninguém, assim o romance termina com a Ilha explodindo e desaparecendo no oceano, como a própria Rainha do Ignoto.

Por fim, pode se concluir que o romance A Rainha do Ignoto de Emília Freitas pode trazer vários gêneros literários em sua estrutura, no entanto também pode-se lê-lo como uma trama do gênero fantástico. Nota-se aqui um dos motivos do seu apagamento da historiografia literária, pois o gênero fantástico, no Brasil, não era algo muito bem visto pela crítica da época, e analisar este romance a partir da perspectiva do fantástico é também uma forma de viabilizar as escritoras deste tipo de gênero literário, que foram apagadas da historiografia literária.

CAPÍTULO III

A crítica ao patriarcalismo em *A Rainha do Ignoto*

No romance *A Rainha do Ignoto* (1899) de Emília Freitas, viu-se no capítulo anterior, que a trama tem a presença marcante das figuras femininas de diversas formas, como parte de uma crítica aos acontecimentos de sua época e à posição da mulher na sociedade brasileira do final do século XIX; a escritora aborda estes temas a partir gênero literário fantástico, tema discorrido anteriormente.

Neste capítulo se desenvolverá uma análise sobre romance, focando na questão da posição da mulher na sociedade oitocentista. Mas antes se trará um panorama geral sobre a figura da mulher na sociedade. Desenvolvendo primeiro as questões educacionais para mulheres, seguindo para a figura da mulher nas teorias científicas e ainda as suas conquistas alcançadas durante o século XIX. Por fim, faremos um recorte da sociedade cearense e atentando para a presença da mulher no campo educacional e quais teorias sobre ela eram sustentadas nesta sociedade. A partir destes diálogos se entrará no romance, analisando a crítica social, que a autora faz contra a sociedade oitocentista e como as mulheres eram tratadas e retratadas por esta sociedade.

A partir da presença marcante das personagens femininas na história de Freitas se pode analisar a sociedade da época, e como a figura da mulher era vista na sociedade do século XIX. Os pensamentos sobre as mulheres, neste contexto, irão influenciar as mulheres da sociedade brasileira oitocentista, ainda a forma que Freitas se utiliza para retratar e criticar esta sociedade.

Pode-se notar que no século XIX surgiu grandes transformações nas estruturas sociais da Europa Ocidental, estas mudanças afetaram o mundo por terem as características do sistema de expansão nas suas organizações de poder, entre outras mudanças como explica Norma Telles

O século XIX foi marcado por profundas transformações nas estruturas econômicas e sociais da Europa ocidental; mudanças que acabaram afetando o mundo todo em virtude das características do processo de expansão. Foi o momento de maior abrangência do imperialismo europeu, diferente dos anteriores pela escala, impacto das alterações e detalhamento da organização do poder, fato que mexeu não só com as estruturas, mas também com os detalhes da vida cotidiana: das grandes teorias científicas ou filosóficas ao modo de se portar em determinado ambiente, como cuidar do corpo ou se dirigir ao outro. (TELLES, 2004, p336)

Dentro dessas mudanças ocorrerão transformações relacionadas às

mulheres, mesmo sendo pequena, pois, por muito tempo as mulheres não eram vistas com muita frequência no âmbito público de muitas sociedades, pois elas estavam submetidas ao lar e ao cuidado da família, o que invisibilizava sua presença no espaço público, como afirma Michelle Perrot

Em primeiro lugar, porque as mulheres são menos vistas no espaço público, o único que por muito tempo, merecia interesse e relato. Elas atuam em família, confinadas em casa ou no que serve de casa. São invisíveis. Em muitas sociedades, a invisibilidade e o silêncio das mulheres fazem parte da ordem das coisas. (PERROT, 2012, p.17)

Outro fator na história da grande maioria das sociedades é possível notar o silenciamento das fontes históricas, que foi provocado por este sistema social patriarcal, que as desvalorizam, fazendo com que os rastros desenvolvidos por muitas mulheres fossem apagados, e um dos destaques desse apagamento pode ser diagnosticado pelo seu letramento tardio e por suas produções que foram dispersas e apagadas, de certa forma por elas mesmas, por acreditarem que não eram importantes como analisa Michelle Perrot

Porque são pouco vistas, pouco se fala delas. E está é a segunda razão de silêncio: *o silêncio das fontes*. As mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio. Suas produções domésticas são rapidamente consumidas, ou mais facilmente dispersas. São elas mesmas que destroem, apagam esses vestígios porque os julgam sem interesse. (PERROT, 2012, p. 17)

Uma pequena abertura para a criação da história sobre a mulher e sua inserção na sociedade ao ensino, no caso do contexto europeu, terá os primeiros passos para o público feminino a partir do século XVII, com a iniciativas de algumas mulheres que tinham um certo poder econômico e social, como é o caso da marquesa de Rambouillet com seu salão azul comentado por Perrot

Isso porque as mulheres agem: no século XVII, a marquesa Rambouillet fez seu famoso “salão azul” um lugar de refinamento dos costumes e da linguagem, ponto de apoio das preciosas que reivindicam a escrita e o bem falar, sendo este último alvo de zombaria na peça *Le bourgeois Gentilhomme* de Molière. (PERROT, 2012, p.92)

Notando este tipo de movimento, a igreja da Contrarreforma, e vendo a influência que as mulheres estavam criando, decidem investir na educação delas com a multiplicação de escolas e atelieres, mas, ao mesmo tempo, deve-se ressaltar muita reserva sob esse aspecto (PERROT, 2012, p.92).

Ao mesmo tempo, que começam a criação de espaços educacionais para as meninas por instituições religiosas, surge também a teorização por parte de religiosos, como Fénelon que cria um tratado, no qual deplora a ignorância das

meninas e preconizando sua formação e colocando a busca de conhecimento para elas como um pudor semelhante ao vício. (PERROT, 2012, p.92)

Com o surgimento do Iluminismo e seus filósofos começam a surgir o incentivo a educação das mulheres, entretanto, os discursos misóginos e uma educação que ainda seria direcionada para o cuidado do lar, como é o caso do filósofo Rousseau que irá afirmar no livro *Emílio*, como apresenta Vívian dos Santos

No livro V de *Emílio*, pode-se ler: Toda a educação das mulheres deve ser relativa aos homens. Agradar-lhes, ser-lhes útil, fazer-se amar e honrar por eles, educá-los quando jovens, cuidar deles quando grandes, aconselhá-los, consolá-los, tornar suas vidas agradáveis e doces: eis os deveres das mulheres em todos os tempos, e o que lhes deve ser ensinado desde a infância. (ROUSSEAU, apud SANTOS, 2014, p.591).

A partir de discursos similares, como o de Rousseau, a mulher pôde inserir-se no campo educacional, no qual as suas bases foram a família e a religião. A importância da educação ligada ao bem-estar, para a criação de uma estrutura familiar patriarcal, mas este conteúdo e método de educar a população vai mudando com passar das épocas como explica Perrot

Inculcar-lhes bons hábitos de economia e de higiene, os valores morais de pudor, obediência, polidez, renúncia, sacrifício... que tecem a coroa de virtudes femininas. Esse conteúdo, comum a todas, varia segundo as épocas e os meios, assim como os métodos utilizados para ensiná-lo. (PERROT, 2012, p.93)

Este tipo de educação desigual entre homens e mulheres irá causar uma ideia sobre o campo científico dominado por homens, criando uma desigualdade de gênero, ressalta Dos Santos (2014, p.591) “Conseqüentemente, a defesa de uma educação desigual para homens e mulheres vincula-se à ideia de que o universo do conhecimento científico é um espaço, por excelência, masculino. ”

Mesmo com esta situação, não se pode esquecer que dentro deste sistema, a escrita de autoria feminina (que já foi trabalhada no capítulo I) teve sua resistência na sociedade da época. Embora o contexto educacional feminino desigual que se perpetuava a partir da passagem do século XVIII para o século XIX, poderá ser notada a presença de autoria de mulheres em determinados gêneros literários, mostra-nos Mônica Jinzenji, parafraseando Watts

No contexto europeu, a autoria feminina, na passagem do século XVIII para o século XIX, quando não era depreciada, se concentrava em gêneros específicos, como as obras de educação (id.ib.:271), os romances e produções não ficcionais voltadas para crianças (WATTS, apud JINZENJI, 2011 P. 369)

Além disso, é relevante dizer que o século XIX na Europa ao mesmo

tempo em que prevaleciam ideias misóginas sobre o papel das mulheres na sociedade, por outro lado haverá o surgimento de movimentos sociais que irão criticar vários aspectos desta sociedade, inclusive movimentos liderados por mulheres como explica Telles

Não se pode esquecer, no entanto, que se esse século foi sombrio para as classes trabalhadoras europeias, para as mulheres e para os colonizados, foi também o século em que surgiram os movimentos sociais, o socialismo e os feminismos, o movimento sufragista e a Nova Mulher. (TELLES, 2004, p.336)

No caso, do Brasil de Emília Freitas, apesar de apresentar uma história educacional específica, a influência europeia teve bastante contribuição; a criação de um pensamento educacional brasileiro se baseou nos discursos filosóficos europeu, de maneira geral no país, também de forma centralizada no estado do Ceará, que foi onde a autora do romance nasceu e viveu por uma parte de sua vida, e também local onde a história se passa, como cita Dos Santos Ribeiro

O Brasil, embora tenha uma história educacional específica, sofreu forte influência do pensamento educacional europeu (Ribeiro, 2000). Dessa forma, defendo que é nesse contexto – moderno, ocidental e sexista – que os microcosmos da educação, das ciências e das letras no estado do Ceará devem ser compreendidos e situados. (DOS SANTOS, RIBEIRO, 2014, 200 p.591)

A partir da transferência da corte portuguesa para o Brasil, começa-se a desenvolver a abertura de portos e a presença do livre comércio, que irá abrir caminho para a independência, em 1822, e a chegada da imprensa, explica Norma Telles

Em 1808, a transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro trouxe reformas como a abertura dos portos e o livre comércio, que abriram caminho para a Independência em 1822. Houve reformas na cidade e novos hábitos se impuseram. Gradativamente o público consumidor de espetáculos e livros se ampliou. Romances e novelas franceses e ingleses do século XVIII e a nova moda dos folhetins finalmente chegaram ao Rio de Janeiro. (TELLES, 2004, p.338)

Isso causará várias pressões na sociedade da época no âmbito político, social e econômico, e uma das críticas que mais perpetuava ao império era a manutenção da escravidão como base do sistema econômico, assim explica Alcilene Oliveira

Nessa época, nas diferentes províncias do Império brasileiro, e, principalmente na Corte, os políticos enfrentavam ou eram desafiados a enfrentar os desdobramentos político, social e econômico acarretados pela continuidade do sistema escravista, sobretudo porque, desde o início do século XIX, com a transferência da Corte portuguesa para o Brasil, a escravidão, base do tripé do sistema colonial, era freqüentemente questionada. (OLIVEIRA, 2012, p. 24)

A partir da pressão relacionada com as questões políticas e econômicas haverá várias revoltas e revoluções, que acabarão influenciando a sociedade oitocentista e a presença da mulher nela. Dentro das revoltas e revoluções que acontecerem, antes da independência, houve a presença de mulheres, mas que foram apagadas dos materiais históricos, como Oliveira explica

Nas sucessivas revoltas da primeira metade do século XIX, que engendraram idéias liberais fomentando o abolicionismo do período seguinte, há dois aspectos importantes que devem ser salientados. O primeiro é que tais revoltas contaram, indubitavelmente, com a participação e a liderança femininas, embora os registros sejam escassos. (OLIVEIRA, 2012 p.27)

As influências causadas por estes eventos e a luta pela abolição da escravidão serão destacados no romance de Emília Freitas, como a questão da posição da mulher nesta sociedade, e como eram vistas. Para começar deve se compreender os discursos e o campo educacional, e as visões desses sobre a mulher na sociedade brasileira e no estado do Ceará.

Quando se analisa o campo letrado do Ceará e de outras províncias do país irá se ver a presença masculina como dominante neste ambiente, isso não quer dizer que não havia a presença de produções intelectuais femininas com caráter relevante, mas sim que as formas sociais e culturais da figura da mulher ainda eram invisibilizadas, mantendo-as nas margens da sociedade. (OLIVEIRA, 2012, p.77)

Um dos motivos para isso, como foi visto no contexto europeu, é a inserção das mulheres ao campo educacional e como ela foram inseridas nele, sendo que os discursos que permeavam o Brasil vinham da própria Europa.

Para entender o campo educacional brasileiro é necessário retornar ao final do século XVI, que na capitania do Ceará tinha a presença de onze escolas, as “escolas de leituras”, onde era ensinado o básico em que empregava na ortografia da língua portuguesa e as quatro operações matemáticas simples, e também o catecismo cristão, e não havia presença de mulheres na docência, relatos Dos Santos

No final do século XVI havia somente onze “escolas de leituras” na capitania do Ceará (Castelo, 1943). Nesse contexto, a docência não era percebida como um ofício tipicamente feminino. Os professores, naquele período, tinham de ensinar “não só a boa forma dos caracteres, mas também as regras de ortografia portuguesa e sintaxe, as quatro operações aritméticas [sic] simples, o catecismo cristão, e regras de civilidade” (idem, p. 55). (DOS

SANTOS, 2014, p. 593)

Somente a partir do século XVIII, houve a fundação das primeiras escolas públicas do Ceará, que se deram no mesmo tempo com a expulsão dos Jesuítas. Neste período haverá a nomeação de duas mulheres como professoras, que se ocuparam da educação das meninas, em um quadro docente de dezoitos homens. Quando vemos a situação do sertão do Ceará, o descaso na educação feminina é ainda maior: muitas não aprendiam a ler ou sequer a assinar o nome, e as que recebiam alguma instrução eram as pertencentes das elites agrárias. Ainda assim, sua educação tinha um único objetivo de prepará-las para o lar. (SANTOS, 2014, p.594)

No sertão do estado do Ceará, verifica-se a presença mais tarde de uma pedagogia cristã, essa será direcionada para mulheres nas casas de caridades, nas quais estavam as mulheres consideradas pela sociedade como perdida ou que necessitavam se refugiar. Estas instituições tinham em sua base o trabalho, estudo e oração de maneira de forma moralizadora para o povo, como destaca Dos Santos

As mulheres abrigadas, além de receber forte educação moral, exerciam atividades vinculadas aos afazeres domésticos: cozinhavam, limpavam, cuidavam dos animais domésticos, da horta-escola. Ainda fabricavam tecidos, chapéus de palha, faziam bordados e crochê, costuravam. Além disso, também acolhiam as crianças abandonadas,romeiros e os pobres retirantes que vinham em busca dos “conselhos” do padre (idem). (DOS SANTOS, 2014, P.595)

Estes abrigos devem-se ser ressaltados, mesmo com suas características religiosas e também com discursos patriarcais, foram um dos locais importantes para educação das mulheres sertanejas por estar mais próximo do da pedagogia moderna, pois eram ensinados ofício para estas mulheres poderem se sustentar. (DOS SANTOS, 2014, P.595)

Mesmo com a criação de leis que instruíam a abertura de escolas públicas em todas regiões do estado, nesta legislação será visto que a educação pública para as meninas não era tão prioritária quanto dos meninos como se vê em Dos Santos (2014) “No artigo 11, estabelecia-se que deveria haver escolas de meninas nos lugares mais populosos, mas somente se as autoridades locais assim julgassem necessário. ”

O sistema educacional brasileiro direcionado às mulheres foi formada em base nas teorias dos centros intelectuais da Europa, de concepções positivistas, que colocavam as mulheres em um lugar inferior da sociedade e a

prendendo somente na função direcionada ao cuidado do lar, ao mesmo tempo deveriam ter um pequeno conhecimento, para instruir a criação dos que seriam os futuros cidadãos, desse modo relata Oliveira

Porém, não é difícil imaginar que ele estivesse repleto de marcas das concepções positivistas e científicas que reduziam o papel da mulher às funções de esposa, mãe e dona de casa, embora devesse obter instrução elementar para garantir a educação dos futuros cidadãos. (OLIVEIRA, 2012, p.93)

Mesmo que muitos intelectuais da época, inclusive intelectuais mulheres, preferissem a teoria positivista, por ter deslocado a inferioridade das mulheres, deve-se levar em conta que o positivismo não se diferencia do evolucionismo, que inferiorizava a mulher biologicamente, Alcilene Oliveira, citando Soihet, ressalta

Rachel Soihet sublinha que essa posição não guardava diferença significativa daquela defendida pelos evolucionistas. Para ela, ao colocarem “a mulher sobre um pedestal para ser santificada, o resultado continuava sendo o de mantê-la alheia aos seus próprios interesses, para convencê-la de sua missão como mãe e esposa, castrando-a como um ser autônomo voltado para seu crescimento individual” (SOIHET, apud OLIVEIRA, 2012, p.99)

Estas teorias hegemônicas na época, fizeram com que se dificultasse a atuação das mulheres em funções sociais, pois ao desenvolverem interesse a estes temas, muitas vezes suas opiniões eram reprimidas, uma vez que estavam destinadas à educação dos filhos e ao apoio ao marido como explica Oliveira

Além disso, tal concepção dificultava a atuação política das mulheres que, em função de seus papéis sociais, diga-se domésticos, não se envolviam ou eram reprimidas quando se interessavam por questões de coletividade, exceto educar os filhos e auxiliar o marido. (OLIVEIRA, 2012, P.99)

Neste contexto, Emília Freitas escreveu seu romance *A Rainha do Ignoto*, onde ela irá criticar a questão educacional das mulheres, a estrutura matrimonial, abandono e a violência contra mulher dentro do possível da crítica da época com suas personagens.

Como já dito, anteriormente, no romance tem-se a grande presença de personagens femininas, que serão usadas para refletir a sociedade da época, e com isso entender a crítica à sociedade patriarcal. Para se compreender estas críticas faremos referência a alguns personagens da trama.

Em primeiro momento, podemos olhar a família composta de cinco mulheres que são D. Matilde, viúva de Tomás de Moura, tio de Virgínia, considerada

agregada da família e pai de Malvina, Henriqueta e Alice.

A família de Tomás de Moura é a representação dada por Emília Freitas sobre a dicotomia cidade versus campo, na qual serão localizadas as diferenças de costume e desprezo pela população campesina. Um dos fatos que se evidencia é o relacionamento que a personagem Henriqueta tem com Carlotinha, que é rebaixada como não civilizada várias vezes, durante a história. Isso se vê, por exemplo, na passagem em que a família de Carlotinha e de Henriqueta estão juntas com Dr. Edmundo, e ele pergunta para a moça campesina de onde ela era; após a sua resposta, a filha de Tomás de Moura interrompe, a chamando de matuta, um termo preconceituoso para denominar as pessoas do campo

-E Vossa Excelência? Perguntou Edmundo.

- Eu sou daqui, respondeu a menina abaixando os olhos

-Que tem? Disse maliciosamente Henriqueta, a Carlotinha sente um desgosto de ser matuta! (FREITAS, 2003, p. 57-58)

A partir de falas semelhantes, a personagem de Henriqueta é construída por Freitas para simbolizar uma parte da burguesia urbana, com isso criando uma preferência à personagem de Carlotinha, como afirma Oliveira

A personagem Henriqueta é construída como arrogante e prepotente, atributos associados diretamente aos da cidade. Ao mesmo tempo, os costumes matutos de Carlotinha são apresentados e justificadamente aceitos, desvelando a preferência do narrador. (Oliveira, 2012, p.126)

Entretanto Henriqueta pode também ser analisada como parte da construção da mulher burguesa, que estavam surgindo nos centros urbanos, formada a partir dos valores trazido pela corte portuguesa, explica Maria Ângela D'Incao

A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - "a convivência social dá maior liberalidade às emoções"¹¹ -, não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada. (D'INCAO, 2004, p. 190)

A personagem Henriqueta, antes de seus familiares irem para o campo, era uma frequentadora destes ambientes considerados requintados, e que lhes traziam os modos ditos civilizados. Mas no romance este requinte será ironizado pela autora, isto será visto no capítulo XIII, O Sarau interrompido, em que

a protagonista da história, a Rainha do Ignoto, enviará para Henriqueta de presente um manual de civildade de forma irônica, podemos o ver nesta passagem, em que o personagem Boão do Poço irá mostrar para todos convidados o presente

- Manu...al de civi...lida...de envia à Henriqueta um peda...gogo..
Henriqueta ergue-se furiosa, arrebatou o livro, rasgou as folhas acetinadas que o compunham e atirou-as pela janela. (FREITAS, 2003, p.102)

No entanto, se deve destacar que Henriqueta, mesmo com todas as regalias econômicas, que sua classe permitia, também sofrerá das imposições do sistema patriarcal, pois ainda que podendo usufruir de maior liberdade, ela não escapava dos moldes destinados pela sociedade, ao casamento e à educação desigual, como pode ser vista na fala de Virgínia a Henriqueta

-Então, Henriqueta, julga você que a boa educação consiste somente em saber a botar um espartilho, atacar um cinto, fazer um bonito penteado, cobrir as faces de pós- de-arroz, os lábios de carmim, calçar umas luvas, conhecer os artigos da moda, tocar um pouco de piano e dançar quadrilhas e valsar? Há outros conhecimentos muito mais necessários. (FREITAS,2003, p, 70-71)

E Virgínia continua em sua fala, ressaltando que a educação será algo que está no simples ato de ler algo. De forma sutil, a autora crítica a forma de ensino que as meninas recebiam

- Eu falo no geral, minha prima, não me refiro a neguem; quero dizer que a boa educação nem sempre tem a felicidade de sentar-se nas cadeiras estufadas dos ricos salões, muitas vezes vamos encontra-la na salinha caiada de branco, costurando ou lendo à luz do candeeiro de querosene. (FREITAS, 2003, p.71)

Podemos notar a preparação da mulher burguesa para a formação de uma família, pois a concretização de um bom casamento manteria seu status social ou a ascenderia ao um patamar maior (D'INCAO, 2004, p. 191)

Isso que irá acontecer com as personagens filhas D. Matilde: Henriqueta irá se casar com um comerciante português e sua irmã Malvina com Eduardo Gama, um bacharel em Direito.

O casamento será um tema muito desenvolvido no romance, a princípio pelas personagens de Alice e Virgínia. A primeira se casará com Gustavo Braga um bacharel em Direito e amigo de Dr. Edmundo, que antes era o pretendente de Virgínia, mas a abandona para casar com a prima por dinheiro.

Nesta situação vemos dois pontos: a crítica ao sistema do dote e a

questão dos bens econômicos das mulheres. Quando notamos a história de Virgínia, filha de um comerciante rico que a levou para estudar fora do país, em Paris. De regresso para o Brasil seu pai decidiu com sua esposa viajar para América do Norte, onde acontecerá um acidente ferroviário que acaba matando os dois, e deixando Virgínia órfã. Entretanto, antes de sua morte, seu pai havia deixado os negócios na mão de seu irmão Tomás de Moura, o qual acaba falindo e ficando com a herança da filha do seu irmão. Desse modo a manda de volta ao Brasil e a acolhe “caridosamente”, não contando sobre a sua herança, como mostra esta passagem

Quando a filha de Elias de Moura, coberta de luto, entrou pela porta do tio, trazia no rosto a resignação e a bondade da órfã que agradece a grande caridade que lhe fazem; mas os curiosos vizinhos de D. Matilde segredavam entre si sobre esta grande caridade. (FREITAS, 2003, p.64)

Após dez anos da morte do seu pai, seu tio, que havia aberto um armazém de molhados, acaba morrendo, deixando uma fortuna para sua família, e Virgínia não ficou com nada, explica o narrador

O consciencioso irmão não tardou muito a estabelecer-se com um armazém de molhados, e morrendo dez anos depois, deixou para família uma fortuna de cento e sessenta contos, sem lembrar-se de Virgínia nem com uma pequena dádiva! (FREITAS, 2003, p.64)

Com o passar do luto da morte do marido, D. Matilde abre seu salão para sociedade, foi quando Gustavo Braga conhece Virgínia. Acabam se apaixonando e continuam se vendo e declarando juras de amor, enquanto Alice estava com Dr. Edmundo, mas Braga ao descobrir que Virgínia não tinha dote, decide pedir Alice em casamento, abandonando Virgínia e com passar do tempo ela termina doente e falecerá.

As mulheres, durante muito tempo, dependiam financeiramente de seus pais, após ao seu casamento seus bens herdados passavam para as mãos de seus cônjuges, expõe Miridan Knox Falei

Vale lembrar que os maridos tinham “poder marital” sobre tais heranças, que, em muitas circunstâncias foram totalmente destruídas ou dilapidadas em detrimento do desejo das suas esposas. Cabia ao marido administrar os bens da esposa e a esta proibia-se alienar até mesmo suas propriedades imóveis através de hipotecas ou vendas. Só em 1916 foi permitido às mulheres casadas ter o mais elementar direito de controlar seus bens, longe do olhar de águia do cônjuge.³⁴ (FALEI, 2004, p.216)

O romance traz muitos casos similares ao de Virgínia, durante a

narrativa, ao mesmo acontece com várias moças que a Rainha do Ignoto e suas Paladinas do Nevoeiro irão ajudar, entre elas está a menina Odete, que tinha um noivo. Este trabalhava de guarda-livros com o pai dela e, após a morte do patrão, vendo que sua noiva não iria assumir os negócios, e sim sua mãe, a troca por sua progenitora, deixando-a doente e muda até sua morte.

Em alguns casos, ocorre o casamento e o marido acaba com todos os bens das mulheres, deixando-as sem nem um dos respaldos, como pode ser visto em uma passagem em que Dr. Edmundo visita uma das alas da Ilha do Nevoeiro, chamada Purgatório, um tipo de asilo, onde ficavam as mulheres resgatadas das injustiças da sociedade, e a partir do abandono e da falta do respaldo da sociedade acabaram ficando loucas, por causa dos desesperos causados por estas violências, como vemos no diálogo de Dr. Edmundo e Roberta, esposa de Probo (FREITAS, 2003, p. 202) “-Está foi uma moça rica, já entrada na idade, que casou com um moço pobre e peralta. Ele gastou toda a fortuna da desventurada e depois a abandonou-a para sempre, e ela enlouqueceu. ”

Uma das passagens, a deixar claro o interesse do casamento por causa da herança das mulheres, é quando Dr. Edmundo encontra um amigo, ao desembarcar no norte do país, com a Rainha do Ignoto e as Paladinas do Nevoeiro, em que o amigo o aconselha como ter uma vida calma (FREITAS, 2003, p. 253) “-Esses podes obter facilmente por meio de um casamento rico; aqui não faltam negociantes com filhas para quem compram carta de bacharel a peso de ouro. ”

Outro aspecto sobre a questão do matrimônio, é a imposição precoce do casamento para as meninas, sob a ameaça de ficarem para titias, como pode ser notado no capítulo XXIV denominado *Porque não fazes assim... As moças garridas não ficam ´titias´*, se notar na conversa de Carlotinha e sua amiga Ana Rosa, após as filhas de D. Matilde avisarem que irão casar e ao saírem sua amiga lhe diz “- Por que não fazes o mesmo? As moças garridas não ficam para titias” (FREITAS, 2003, p. 172)

Esta imposição precoce para o casamento era algo comum para as moças na época, em regiões como no sertão nordestino, a preparação dos enxovais para um futuro casamento, era preparado quando a menina tinha 12 anos e era necessário se casar antes dos 25 anos, mostra-nos Miridan Falei

E assim a confecção de enxovais iniciada aos 12 anos de idade das meninas, com peças de linho mandadas bordar e guardadas em papel de

seda em baús; os conselhos amigáveis da mãe experiente para que a moça tivesse um comportamento moderado e repleto de solicitude, “para poder casar”, inculcavam na vida feminina a noção da valorização da vida matrimonial e, ao mesmo tempo, imprimiam-lhe uma profunda angústia, caso ela não viesse a contrair casamento antes dos 25 anos de idade. (FALEI,2004, p. 214)

No romance, será possível notar outro tema, que Freitas apresenta, a questão da violência contra mulher, um dos pilares da narrativa, pois a constituição da sociedade secreta da Rainha do Ignoto, como comentado no capítulo anterior, é composta por mulheres salvas da violência, abandono e do desamor, Freitas discorre em sua obra sobre este tema muito da sociedade da sua época, em que os jornais reportavam vários casos de violência ocorrido às mulheres, principalmente pelas retirantes, que chegavam em Fortaleza fugindo da seca e da epidemia de varíola, relata Oliveira

Não bastando tantos transtornos, os jornais que Emília Freitas lia traziam notícias sobre a violência vivida por mulheres naquele período. Segundo o mencionado autor, eles “acusavam ainda os encarregados do transporte de violentar as filhas dos retirantes durante a viagem” (Idem). Paralelamente às mazelas provenientes da seca, houve uma epidemia de varíola que levou à morte cerca de 119.000 pessoas, sendo 58.000 apenas na capital cearense. (OLIVEIRA, 2012, p.39)

Além das Paladinas na Ilha do Nevoeiro, como dito anteriormente, havia uma ala na ilha para a mulheres que sofreram violência diversas, e ali poderiam buscar se curar fisicamente, e, principalmente, psicologicamente. Na visita de Dr. Edmundo nesta ala o leitor encontrará a história de uma das vítimas de violência, que será contada pela diretora da ala, Madalena:

Introduziu os visitantes em uma sala, onde se via mulheres de todas as idades, com sinais de todos os sofrimentos morais e físicos que inutilizaram o corpo: estava uma com uma paralisia agitante e uma aneurisma na aorta, causada por um aperto de garganta que o marido lhe dera, quando bêbado, cambaleando, voltava uma noite da taverna. (FREITAS, 2003, p. 207)

A questão sobre a violência contra mulher pode se interligar ao tema do casamento e a situação social das mulheres, pois as questões de gênero atravessam também a questão da classe social. (SOIHET, 2002, p. 02)

Em um dos casos, que será mostrado em *A Rainha do Ignoto*, as Paladinas e sua líder estão caminhando em uma rua de um bairro pobre, no Pará, quando a Rainha do Ignoto sente que algo está errado em uma casa, e ela e suas aliadas adentram à residência, onde encontra uma moça com a cabeça ferida jogada no chão e vão socorrê-la. Seu ferimento foi causado por um momento de

ciúme de seu companheiro, se nota nesta passagem

-Faustina, fui criada pela D. Rosinha que morava lá na Rua do Trilho de ferro. Ela me mandava fazer compras na taverna; enquanto era pequena ia satisfeita; fui crescendo entrei a recuar porque o taverneiro me dirigia pilhérias; mas ela me espancava quando eu não queria ir. Já estava com quatorze anos e queria bem um rapaz carroceiro, que foi nosso vizinho e que estava trabalhando para arranjar os meios de fazer o nosso casamento; mas os perversos mesmo que me procuram descaminhar, entraram a contar-lhe histórias, a falar mal de mim... o pobre Cipriano acreditou em tudo e desesperado embarcou para o Pará. Sem esperança de me casar com Cipriano, maltratada por D. Rosinha, fugi uma noite de casa, e tornei-me mais desgraçada do que já era. Depois embarquei também para o Pará e encontrei com Cipriano trabalhando no trapiche... ele me recebeu muito bem, viemos morar nesta casinha; mas nunca me perdoou a minha doidice e tem um ciúme terrível de mim. (FREITAS,2003p. 264)

A partir do relato e do interrogatório feito pelas mulheres presentes, se descobre que a vítima havia escondido o seu agressor em um baú, quando vieram os soldados que iriam prendê-lo.

No relato de Faustina é possível observar que a mulher e seu corpo, seja quando ela oferece o dote, ou quando ela não o tem, na cultura machista é posicionada como propriedade de seu parceiro, e que este entendimento presente em todas camadas sócias e a agressividade é dada como algo natural na figura masculina, demonstra Rachel Soihet

E, esta não é uma crença específica dos homens pobres, igualmente, no caso das camadas mais favorecidas, os mesmos condicionamentos culturais estão presentes. Assim, uma das explicações é de que, na medida em que é dado ao homem o direito de extravasar sua agressividade “natural” sobre os objetos de sua propriedade e sendo o corpo da mulher considerado uma propriedade sua, este se constitui no local próprio de extravasamento da agressividade masculina. (SOIHET, 2002, p. 12)

Mais um tema que Emília Freitas aborda é sobre o campo educacional e como as mulheres deveriam ser vistas na sociedade; como foi visto no começo deste capítulo a educação para as mulheres era algo desigual e esta desigualdade ainda era reforçada por teorias da época.

No romance a partir da atuação da Rainha do Ignoto e de suas Paladinas um mundo diferente mostra-se possível, no qual as mulheres estão em posições em que normalmente homens estariam e mulheres não. Cria-se assim uma dicotomia com estas personagens, e como eram vistas mulheres que tentavam se posicionar contra o sistema patriarcal na época.

Veja-se por exemplo, uma passagem de Dr. Edmundo, em seu

pensamento sobre casamento e de quem seria uma esposa ideal, mesmo que neste momento ele esteja encantado pela Rainha do Ignoto. Mesmo sendo denominada por ele como uma fada, uma mulher superior é uma encarnação do ódio para os homens

Carlottinha, além de formosura, possuía muita singeleza e bondade de coração; mas esses dons quase vulgares não bastava à alma fantasiosa e transportada do nosso herói.

Ele sonhava sempre uma fada, uma mulher superior, que no rastro luminoso de seus passos levasse acorrentada sua vontade, sua esperança e sua vida.

Ilusão dos primeiros anos, pois a mulher superior é a encarnação da indiferença e até do ódio da maior parte dos homens. (FREITAS,2003, p.125)

Na fala de Dr. Edmundo vemos um debate para levantar sobre o estereótipo da figura da mulher na sociedade oitocentista, em que estava na base da moça criada pelo romantismo e com isso pode se analisar a protagonista, a personagem da Carlottinha e a quebra da idealização romântica, com elas a crítica à teoria positivista sobre a mulher.

Temos a Protagonista a Rainha do Ignoto, entre outros nomes que vão aparecer durante a mudança de máscara que ela utiliza, como mencionado anteriormente ela é apresentada como funesta, uma criatura quase que diabólica e acompanhada de duas criaturas místicas, já citada no capítulo anterior, que são seus guardiões, pode se ver aqui que a autora utilizou o gênero fantástico para criticar o discurso misógino da época, assim argumenta Alcilene Oliveira

Tal recurso configura uma citação ao debate misógino da época, segundo o qual as mulheres estariam mais próximas aos gorilas, em inteligência e ações, do que aos homens. Trata-se, então, de um recurso irônico que, no primeiro momento, causa estranhamento ao leitor. (OLIVEIRA, 2012, p.123)

As características que a personagem traz de mulher fatal, que seduz o viajante e o deixa apaixonado, mas que no final ele prefere ficar com a personagem de Carlottinha com os aspectos românticos, pois era mais fácil, como se pôde notar no trecho já citado.

A Rainha do Ignoto e suas Paladinas são um exemplo de emancipação, porque estavam exercendo profissões que somente homens poderiam exercer, como já citado no capítulo II, dessa maneira quebrando todas as teorias e arrumando uma forma de ajudar os necessitados. A autora utiliza do gênero fantástico para mostrar a resistência de uma parte das mulheres como ela, que

estavam lutando contra o sistema, sendo que nem todas aceitaram a dominação das teorias misóginas e conseguiram formas de resistir, mostra-nos Rachel Sohiet

O que significa que a aceitação pela maioria das mulheres de determinados cânones não significa, apenas, vergarem-se a uma submissão alienante, mas, igualmente, construir um recurso que lhes permitam deslocar ou subverter a relação de dominação. (SOHIET, 20012, p. 15)

Pode-se concluir que o romance é uma forma da autora discutir sobre questão de gênero em sua sociedade, quebrar as teorias científicas fortes no seu tempo e mostrar a situação das mulheres em sua época, a desigualdade que permeava o Brasil, e como isso afetava as mulheres de maneira física e psicológicas, também mostrar a resistências e transformações que uma parte da população feminina estava fazendo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após desenvolver esta pesquisa sobre o apagamento de Emília Freitas e sua obra *A Rainha do Ignoto*, pude observar que a nossa sociedade tem vários reflexos da anterior, no entanto também vejo as rupturas que tivemos daquela época para agora. Antes as mulheres se viam lançadas apenas em um ambiente familiar e lutavam muito para conquistar espaços fora desse, hoje as mulheres conquistaram esses lugares, contudo, ainda, recebem salários menores e continuam sozinhas nos trabalhos domésticos.

Nesta pesquisa, foi possível notar que o apagamento de Emília Freitas na Literatura brasileira, aconteceu pelo fato de ela ser mulher em uma sociedade, onde a função de escrever não era destinada ao seu gênero, pelo contrário era algo extremante criticado e debochado pela sociedade, principalmente, pelo meio intelectual. Pois para a sociedade as mulheres eram inferiores e sua educação não era algo tão importante. Freitas, a partir da possibilidade, que lhe foi dada, de transgredir sua realidade, criou uma obra que criticava este sistema patriarcal.

Vale a pena, ressaltar, que Emília Freitas teve certos privilégios, que outras mulheres da sua época não tiveram, pois ela era da elite cearense, e os homens, que a cercavam, tinham adotado os pensamentos liberais a respeito da educação das mulheres, escravidão e república.

Podemos concluir, ainda, que Freitas usou a fantasia para idealizar um mundo possível, um mundo desejado, e ela o gestava em seus ideais e escrita, esperando que em algum momento a sociedade brasileira pudesse concretizá-lo, mesmo que o final fatídico do livro demonstrasse uma certa desesperança do fato.

Criar um trabalho sobre uma escritora como Emília Freitas é recoloca-la na Literatura Brasileira e dar voz às mulheres que estavam escondidas por muito tempo.

Outra reflexão, foi pensar que o ato de escrever como pesquisadora, se deu graças à luta de mulheres como Emília Freitas, as quais criaram os caminhos de abertura para que este trabalho fosse feito, foram as lutas delas que possibilitaram que conseguíssemos estar dentro do campo acadêmico hoje, mesmo que tenhamos muita luta pela frente, transpassando muitos fatores sociais presente na sociedade.

Pensar que o mundo fantasioso da Ilha do Nevoeiro, criado pela autora se concretizou por partes, porque a sociedade patriarcal e machista coexiste com as conquistas; a violência contra mulheres e os feminicídios ainda possuem altos números em nossa sociedade. Por entanto, continuamos como as Paladinas do Nevoeiro e a Rainha do Ignoto contra os efeitos desta sociedade que oprime mulheres.

REFERÊNCIAS

- D'IANCO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7ª Edição. São Paulo: Contexto, 2004.p. 187-201.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da Literatura Uma Introdução**. 6ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- FALEI, Miridan Knox. **Mulheres do sertão nordestino**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7ª Edição. São Paulo: Contexto, 2004.p. 202-231
- FREITAS, Emília. **A Rainha do Ignoto**. 3ª Edição. Florianópolis: Editora Mulheres, 2003.
- JINZENJI, Mônica Yumi. Leitura e escrita femininas no século XIX. **Cadernos Pagu**. Campinas, V. 38, p. 367-394, Junho, 2012
- LAJOLO, Marisa. **Literatura: Ontem, hoje, amanhã**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- MATANGRANO, Bruno Anselmi, O Fantástico no Brasil: As Origens. **Bang! A sua revista de fantasia, FC e horror**. Rio de Janeiro, v. 0, p. 49-54, Setembro, 2013.
- MUZART, Zahidé Lupinacci, A questão do Cânone. **Anuário de Literatura**. Florianópolis, V.03, p. 85-94, Janeiro, 1995.
- OLIVEIRA, Alcilene Cavalcante de. *Uma escritora na periferia do Império: vida e obra de Emília Freitas (1855-1908)*. 2007. 188p. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Faculdade de Letras da UFMG. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECAP-73BHB7> Acesso em 10 jan. 2021.
- PERROT Michelle. **Minha história das mulheres**.2ª Edição. São Paulo: Editora Contexto, 2012.
- ROAS David. **A ameaça do fantástico: Aproximações teóricas**. 1ª Edição. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- SANTOS, Vívian Matias dos, para pensar o campo científico e educacional: mulheres, educação e letras no século XIX. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 19 n.58, 587- 610, Setembro, 2014.
- SOIHET, Rachel, O corpo feminino como lugar de violência. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**. São Paulo. V. 25, 269-289, Dezembro, 2002.
- TELLES, Norma. **ESCRITORAS, ESCRITAS, ESCRITURAS**. In: DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 7ª Edição. São Paulo: Contexto, 2004.p. 336-370.
- TODOROV Tzvetan. **Introdução à Literatura Fantástica**.1ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1975..